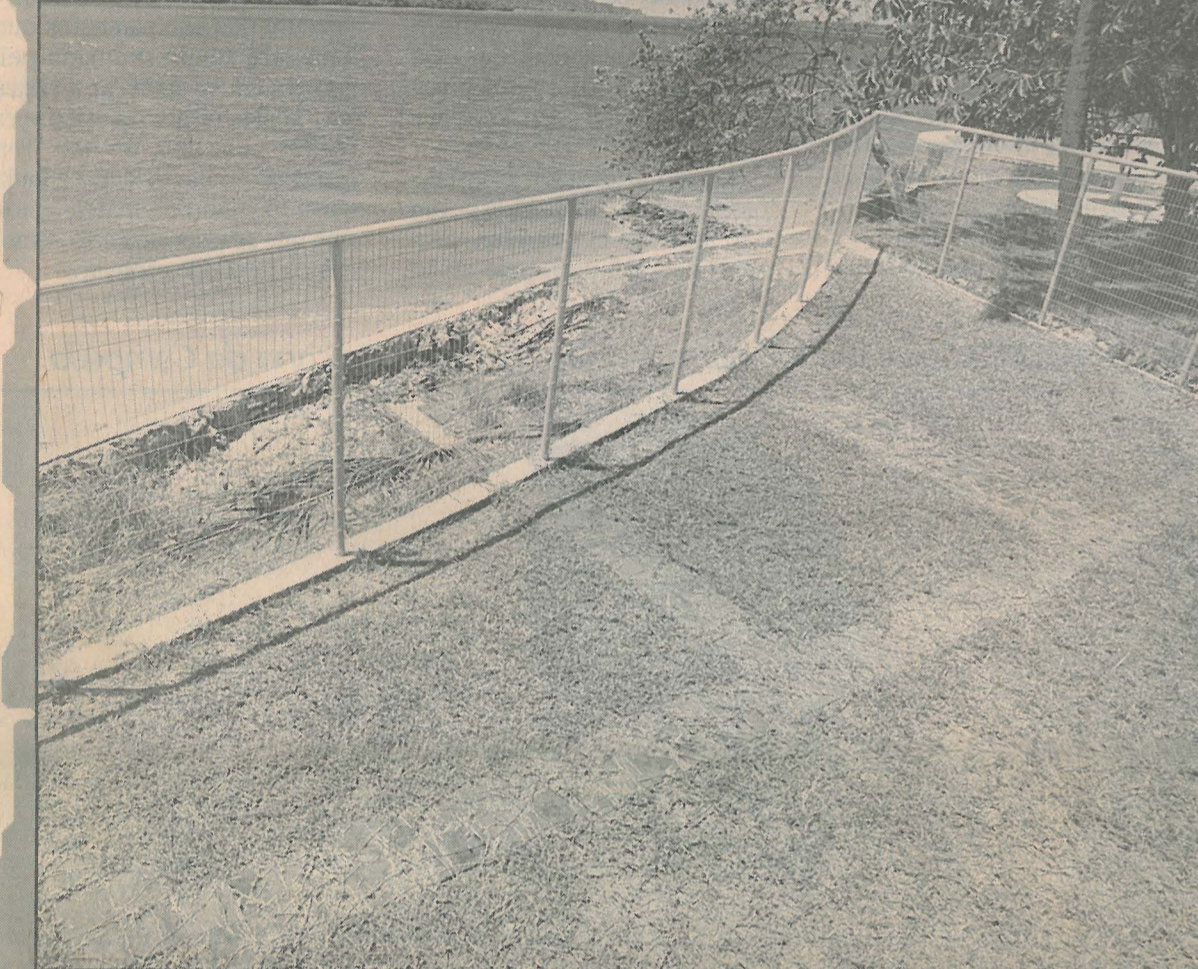


PERNAMBUCO, O BERÇO DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NO BRASIL



PONTO HISTÓRICO Barra dos Marcos abrigou um fortim português e o primeiro porto

Todo brasileiro sabe que os portugueses entraram no Brasil pela Bahia, 499 anos atrás, mas muita gente ignora que a primeira área de fixação dos europeus no país foi Pernambuco. Para ser mais exato, o ponto de entrada para a colonização do Nordeste foi a atual cidade de Igarassu, no litoral norte do estado, onde o navegador português Cristóvão Jaques fundou uma feitoria no ano de 1516. Ele veio para o Brasil em uma expedição políciadora, com a função de proteger a costa brasileira dos ataques de corsários.

A Feitoria de Cristóvão Jaques era um entreposto comercial fortificado às margens do Canal de Santa Cruz, na parte sul da Ilha de Itamaracá, onde hoje está instalado um condomínio fechado. O navegador, que explorou o litoral brasileiro

até o Rio da Prata, criou um pequeno núcleo e recebeu o título de Governador das Partes do Brasil. Cristóvão Jaques veio acompanhado de um grupo de homens. Algum tempo depois, ele foi embora deixando parte dos tripulantes, mas retornou em 1526 para fundar outra feitoria.

No Porto de Pernambuco, que ficava entre Vila Velha e a feitoria, desembarcaram gêneros e armamento. "O canal tem condições perfeitas para um porto, pois tem profundidade compatível com os barcos da época", diz o arqueólogo Marcos Albuquerque, coordenador do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Em 1967, ele coordenou escavações no terreno, tendo descoberto vestígios da primeira feitoria e do alicerce do Reduto dos Mar-

cos, um pequeno fortim português construído ao lado da Feitoria de Cristóvão Jaques em 1532.

Marcos Albuquerque ressalta que o local (hoje chamado de Barra dos Marcos) não foi escolhido ao acaso, pois além de bem posicionado geograficamente, oferecia condições de sobrevivência. "A área dispõe de mangue que garantia o suporte protéico com ostras, aratus e peixes; de restinga para o suporte vitamínico de frutas como o caju, além da água doce; e de mata que garantia proteína animal e matéria prima para construção", analisa o arqueólogo. Isso sem falar na produção de cal que poderia ser obtida pela queima da ostra e pelo calcário.

REFERENCIAL — "Pernambuco

tinha todas as condições para florescer como uma capitania forte, como realmente aconteceu", diz o professor Marcos. Nas escavações, ele encontrou material arqueológico distribuído desde a sub-superfície até cerca de 1,8 metros de profundidade — cerâmica doméstica da tradição tupi-guarani misturada com material de origem colonial. Na área mais profunda havia farto material indígena e gradativamente esse material vai sendo substituído por elementos europeus até a sub-superfície.

A Feitoria Régia de Cristóvão Jaques, a primeira do Brasil, era uma casa forte defendida por uma paliçada, onde se abrigavam os soldados, colonos e degredados, num efetivo que não excedia dez homens. Também eram estocados os produtos da terra comercializados com



O ponto de entrada para a colonização do Brasil foi a atual cidade de Igarassu

Onde o navegador português Cristóvão Jaques fundou uma feitoria em 1516



IGARASSU Marco de pedra foi erguido para delimitar as capitâncias de Pernambuco e Itamaracá. Original está no Instituto Arqueológico. No local, há uma réplica

Imigração iniciou a partir de 1530

Apesar de ter sido "achado" pelos portugueses em 1500, o início da política de colonização do Brasil só tem início 30 anos depois. Até então, os lusitanos vinham fazendo expedições exploradoras na costa brasileira para observar a nova conquista e deixar os degredados. A partir de 1530, a história começa para valer, com uma forte imigração. Mas afinal, que eram esses europeus que deram início à miscigenação racial em terras tropicais.

Em Pernambuco eles começaram a chegar aos montes com o fidalgo Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, que desembarcou em Igarassu em 1535. Capitão português pertencente à uma família importante, Duarte Coelho trouxe uma comitiva numerosa: animais, amigos, parentes e agregados dos Coelho, Albuquerque e Meneses, criminosos desclassificados e degredados ilustres.

"Um desses ilustres degredados era João Pais Barreto, da nobreza dos Morgados da Bilheira, que se desentendeu com o rei", informa a professora do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco Socorro Ferraz. João Pais Barreto virou colono e foi um dos

homens mais ricos da capitania de Pernambuco, tendo fundado o Morgado do Cabo, o primeiro das novas terras.

Duarte Coelho trouxe a esposa, Brites de Albuquerque, e o cunhado Jerônimo de Albuquerque, que se casou com uma índia de Arcoverde. Outras famílias vieram, como Felipe Bandeira de Melo com a esposa Maria Maciel de Andrade, João Gomes de Melo (da província da Beira), Arnau de

de Figueiredo. O padre recebia 15 mil réis por ano e mais dois escravos e os capelões, 8 mil réis por ano e um escravo.

"Isso mostra que a igreja não só aceitava a escravidão como a tinha como base econômica", analisa a professora. Também vieram Felipe de Moura (sobrinho de Dona Brites), Gonçalo Mendes Leitão, Felipe Cavalcanti (fidalgo florentino), Braz Barbalho Feio e Álvaro Fragoso, além de mercadores, mestres de embarcações, artífices em geral, oficiais mecânicos, embarcadores, marinheiros, embarcações e soldados de guarnição.

Nessa época, a capitania de Pernambuco tinha 60 léguas de litoral e mais de 12 mil léguas quadradas de continente, englobando os atuais estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e a Comarca do São Francisco. "A medida que aconteciam as revoluções o rei tomava terras, como castigo. Por isso a área territorial de Pernambuco foi sendo reduzida".

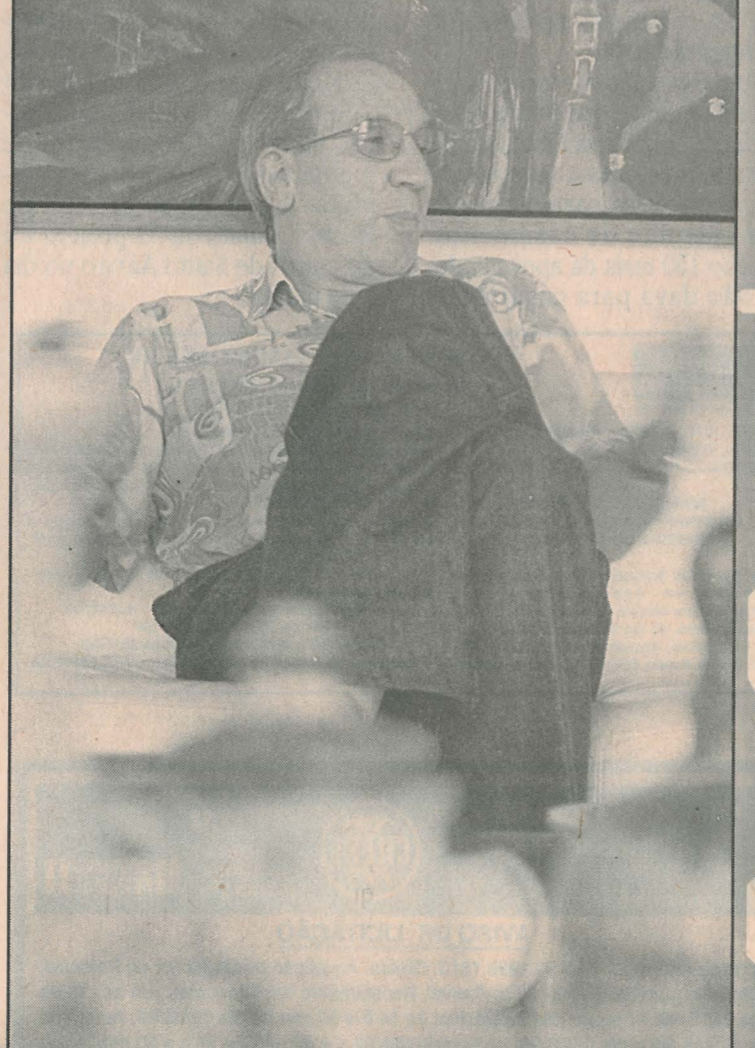
Duarte Coelho trouxe uma comitiva numerosa: animais, amigos, parentes e agregados

Nem todo português vira dono de padaria

Engana-se quem pensa que todo português residente no Brasil é comerciante ou dono de padaria e que se chama Manoel ou Joaquim. Radicado no Recife há quase 31 anos, Alfredo Moraes Antunes, 63, nunca teve tino comercial. Ele veio ao Recife para ser professor de filosofia contemporânea da Universidade Católica de Pernambuco e hoje é professor visitante da UFPE.

Igual ao contrerâneo Pedro Álvares Cabral, o professor chegou ao Brasil de navio. Ele saiu do Porto de Lisboa e desceu no Porto de Santos (SP), vindo para o Recife de ônibus. Hoje com dupla nacionalidade, com o título de comendador da Ordem do Infante Dom Henrique outorgado pelo Governo Português e "totalmente aculturado", ele afirma que há alguma coisa no País que o seduz.

"Acho que essa sedução está ligada ao carisma e ao olhar das pessoas, à informalidade, ao carinho à flor da pele, ao clima. Posso dizer que tenho 31 anos felizes no Recife, apesar de também me sentir seduzido pela etiqueta europeia e ter saudades do cheiro da minha cidade (Coimbra) e das paisagens de Portugal", diz.



IMIGRAÇÃO Alfredo vive em Pernambuco há 31 anos



ARQUITETURA O casario de Olinda data do século 17

Cidade Alta ainda preserva traçado urbano do século 16

É difícil encontrar elementos da arquitetura atual que remontem aos primeiros anos da colonização, no século 16. Ao contrário do que acontece com esculturas e pinturas, as edificações mudam de acordo com as circunstâncias do uso. "O saneamento, a eletricidade e os equipamentos modernos de cozinha alteram as feições das construções", explica o arquiteto e urbano inexistem, com exceção da Sé e da Igreja da Graça, onde foram localizados elementos quinhentistas em restaurações recentes.

"Os edifícios da cidade podem guardar estruturas antigas, mas a fisionomia deles é bem dos três últimos séculos, o que é notável", sublinha.

Segundo o arquiteto, Olinda tem "um casario bem português, muito fiel aos modelos lusitanos, que do Norte de Portugal, como Viana do Castelo, ou de Évora, no Alentejo". Na opinião do professor esse casario deveria manter a cor branca nas paredes externas e o colorido nas esquadrias, como os similares portugueses.

Restam poucas edificações erguidas na época do descobrimento do Brasil

Igreja de Santarém se prepara para a festa

DUDA GUENNES
ESPECIAL PARA O JC

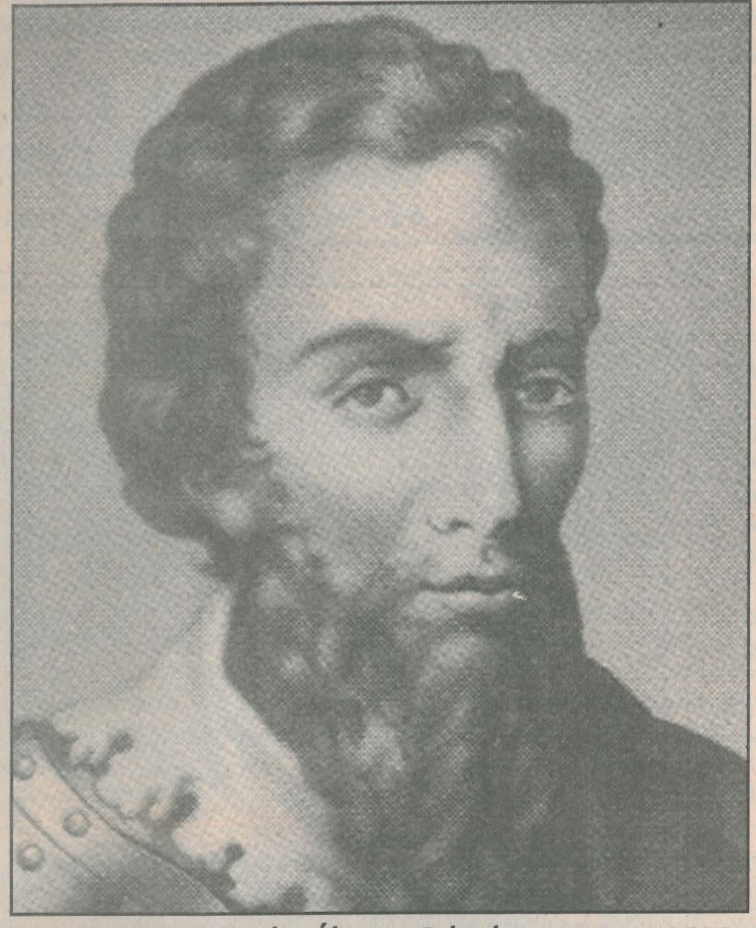
LISBOA - Preparando-se para as festividades do V Centenário do Descobrimento do Brasil, a igreja da Graça de Santarém, na qual estariam depositados os ossos de Pedro Álvares Cabral, o autor do "achamento", está toda enfeitada para receber os muitos turistas que, por certo, irão visitá-la. Foi recentemente pintada e retiradas de placas que várias pessoas (encabeçadas por Paulo Maluf) e algumas empresas mandaram colocar por demagogia.

Na capela secundária da banda do Evangelho da igreja de Nossa Senhora da Graça repousa, em sepultura rasa, os restos do almirante Pedro Álvares Cabral que, embora natural de Belmonte, está ligado a Santarém por laços familiares e matrimoniais.

A presença dos Cabrais em Santarém remonta pelo menos ao segundo quartel do século XV, mas é após a descoberta do Brasil e do seu casamento com Isabel de Castro, sobrinha de Afonso de Albuquerque, que Pedro Álvares Cabral veio morar na cidade, onde o casal acumulou vasto patrimônio.

Segundo o historiador escalabitano (escalabitano é o natural ou morador de Santarém) Luís Mata, o casal possuía algumas casas junto da igreja da Graça e "estas casas seriam, muito provavelmente, as mesmas que, em 1560, dona Margarida da Silva vendeu ao Convento dos Agostinhos. Ela era a viúva do único filho vivo de Cabral, Fernando Álvares Cabral. O outro filho, Antônio, faleceu pouco depois do pai".

Pedro Álvares Cabral morreu em Santarém em 1520, sendo trasladado em 1529, por ordem de sua mulher, para o jazigo da família, na igreja da Graça. O templo foi fundado pelo trisavô



DESCOBRIDOR Pedro Álvares Cabral morreu em 1520

de dona Isabel de Castro, onde também teria sido enterrado o filho Antônio.

A primeira impressão que o turista brasileiro sente ao chegar ao local é da importância dada à mulher, a quem se faz referência da profissão, e à irrelevância que é concedida a Cabral, que nada lhe é atribuído. Estranho.

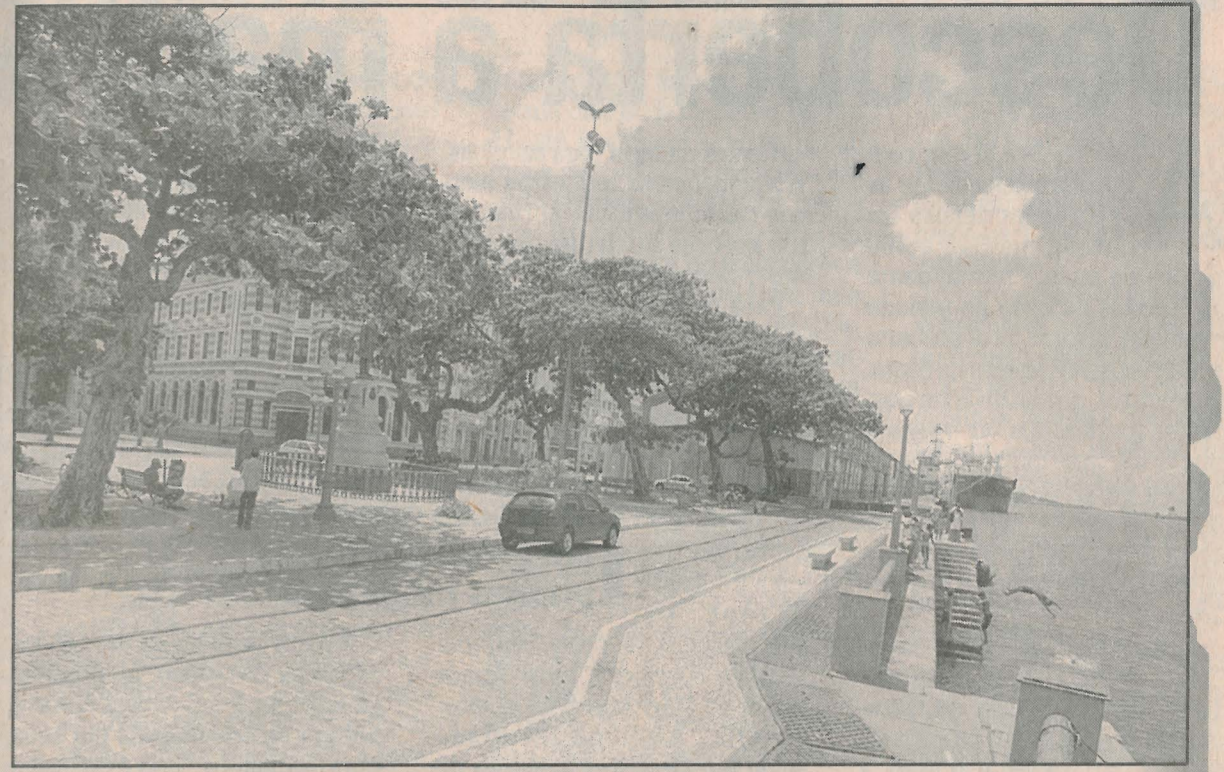
ENIGMA - Em 1832, foi estabelecida uma comissão para esclarecer, com documentos irrefutáveis, a verdadeira sepultura do navegador. O primeiro estudo constatou que "apareceu um carneiro amplo de dois metros e vinte centímetros de largo e noventa de profundo, e no fundo dele encontraram uma camada de terra de um a dois

centímetros de espessura, e por debaixo desta as ossadas de três esqueletos distintos, dois do sexo feminino e um do sexo masculino, que devia ser, por exclusão de partes, Pedro Álvares Cabral".

O enigma instalou-se. Então, não era Pedro, Antônio e Isabel? Algo não batia certo. Em 14 de março de 1903 foi feita uma nova busca a pedido do brasileiro Alberto de Carvalho, que pretendia trasladar os ossos de Cabral para o Brasil. A solicitação foi concedida. Após o exame da sepultura, verificou-se, com surpresa, que existiam ossadas de seis adultos, "parecendo ser de cinco homens, uma mulher e duas crianças". Os ossos estavam em completa desordem, sem vestígios de cabelos ou rou-

pas, armas e outros objetos. Mesmo assim, Alberto de Carvalho levou-os para o Brasil.

Quem entrar na Catedral do Rio de Janeiro vai ver a seguinte inscrição gravada em mármore numa das paredes do corredor. "Aos 30 de dezembro de 1903, sendo arcebispo desta arquidiocese D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, foi aqui depositada uma urna dupla de chumbo e madeira, contendo resíduos mortuários de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, extraídos aos XIX-III-MCMLIII, de sua sepultura na igreja de Nossa Senhora da Graça de Santarém, em Portugal, onde desde o ano de 1529 achavam-se em jazigo de família. Tráside e doados a esta Catedral pelo bacharel Alberto de Carvalho".



REURBANIZAÇÃO Praça Rio Branco será modificada para a comemoração dos 500 anos

Praça do Marco Zero será remodelada

A Praça Rio Branco, no bairro do Recife, será totalmente modificada para que a população local possa comemorar os 500 anos do descobrimento do Brasil e a chegada do ano 2000 em grande estilo. Desta vez, a reurbanização da praça não contempla a instalação de equipamentos, mas a criação de um grande espaço livre para múltiplos usos com a retirada de bancos, postes, árvores e meio-fio.

"Vamos fazer uma grande esplanada, ocupando uma área superior a sete mil metros quadrados", diz o arquiteto Paulo Roberto Barros e Silva, um dos autores do projeto *Eu vi o mundo... Ele começava no Recife*. O único monumento vertical a ser preservado na praça é o Marco Zero, que ficará no centro de uma rosácea.

No entorno do Marco Zero ficará um desenho do pintor pernambucano Cícero Dias. Ele mora em Paris e está vindo para o Recife na próxima semana trazendo o esboço do desenho. O nome do projeto é uma homenagem ao painel *Eu vi o Mundo... Ele começava no Recife* pintado pelo artista em 1926.

A nova praça terá 115 metros entre os armazéns 11 e 12 do Porto e 70 metros na sua parte mais larga, com a desativação do estacionamento e com a redução de uma parte da Avenida Alfredo Lisboa. "Será uma janela para o Oceano Atlântico, pois a praça vai encostar no peitoril do cal", compara Paulo Roberto Barros e Silva. A escultura do Barão de Rio Branco será recuada, ficando próximo ao armazém 11.

A iluminação será feita por

quatro postes e o piso será em granito rústico pernambucano. De frente para a praça, no molhe dos arrecifes, serão colocadas 19 esculturas monumentais de Francisco Brennand. A coluna principal terá 30 metros de altura. As esculturas ocuparão 300 metros do molhe.

O custo do projeto é de R\$ 6 milhões, sendo 50% para os eventos culturais programados nos armazéns 12, 13 e 14, que acontecerão de 31 de dezembro a 30 de abril do ano 2000. O projeto está sendo analisado pela Funarte (RJ) e depois será encaminhado ao Ministério da Cultura. "Vamos procurar recursos do setor privado, com apoio da Lei Rouanet". O projeto tem apoio do Governo do Estado, Prefeitura do Recife, Administração do Porto e do Ministério.